

DESENVOLVIMENTO DO TURISMO INDUSTRIAL: A INTERSETORIALIDADE NA RELAÇÃO TURISMO E INDÚSTRIA NO ESTADO DE SANTA CATARINA

Marialva Tomio Dreher¹
Rachel A. de Oliveira Rueckert²
Talita Cristina Zechner³

RESUMO

Na trajetória histórica das Indústrias no Estado de Santa Catarina é possível visualizar suas significativas contribuições para o desenvolvimento econômico do Estado. Atualmente é possível perceber uma tímida participação de algumas indústrias em uma área díspar de seu objetivo de produção: o turismo. Partiu-se do pressuposto que a cooperação entre a indústria e o turismo pode ampliar as possibilidades de visibilidade e comercialização dos produtos e serviços. Neste contexto objetivou-se analisar a relação de parceria e cooperação entre a indústria e o turismo na realização dos roteiros de turismo industrial em Santa Catarina. Para tanto, desenvolveu-se um estudo exploratório, tendo como foco de pesquisa a identificação das regiões que desenvolvem o roteiro industrial. Nos resultados desse estudo, verificou-se que para os turistas, a visita, é uma possibilidade de se descobrir uma cultura local, e, muitas vezes, tomar conhecimento do processo produtivo de determinado produto. A socialização desses esforços é motivo de orgulho a muitas empresas que já se estruturam para esta nova movimentação. O turismo industrial passa a valorizar os esforços ocorridos no desenvolvimento industrial local, fato que motiva a participação social e a cooperação para o aumento da oferta turística no Estado.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Indústria. Intersetorialidade. Turismo industrial.

¹ Professora e pesquisadora dos programas de pós-graduação mestrado em administração e doutorado em Ciências contábeis e administração da Universidade Regional de Blumenau-FURB.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Professora do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

³ Turismóloga e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau – FURB.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do desenvolvimento regional, diversos estudos têm se preocupado em refletir sobre os possíveis fatores que poderiam estimular e inibir o desenvolvimento de determinadas regiões. Siedenberg (2006) esclarece que a definição desenvolvimento regional refere-se a um processo de mudanças sociais e econômicas que ocorrem em uma determinada região, sendo necessário considerar duas dimensões intrínsecas ao conceito, uma temporal e outra espacial. A dimensão temporal diz respeito à evolução do processo de mudanças ao longo do tempo. A dimensão espacial varia de acordo com o enfoque pretendido, sendo que por desenvolvimento regional pode-se entender tanto o recorte de uma dimensão continental (como, por exemplo, o Mercosul), bem como uma dimensão intermediária entre as delimitações administrativas de um país e seus estados (por exemplo: região Sul) ou ainda uma dimensão entre estados e municípios (por exemplo: região do Vale do Rio Pardo – RS).

No bojo das discussões sobre os distintos fenômenos que se relacionam ao processo de desenvolvimento, a intersetorialidade, surge como uma possibilidade para contribuir com o desenvolvimento das regiões. Neste trabalho, a reflexão está centrada nas ações intersetoriais que vem se estabelecendo entre a atividade industrial e o turismo, no Estado de Santa Catarina.

Historicamente, o setor agrário e o industrial, extrativo e manufatureiro exerceram e ainda exercem relevante papel, na economia do Estado de Santa Catarina. Muitas ações do desenvolvimento foram pautadas nessa realidade, disso decorre também grande parte das influências culturais percebidas no modo de trabalho dos catarinenses. Todavia, é crescente nas últimas décadas, a incidência do setor terciário, envolvendo o comércio e os serviços. Surgem, assim, novas formas de relações de trabalho, tais como a produção flexível, o teletrabalho e terceirização; atividades estas que modificam os aspectos espaciais-temporais ligados à produção, circulação, distribuição e, principalmente, o consumo de bens materiais e imateriais.

Neste cenário, do setor terciário, o turismo vem se destacando, sendo considerado um importante setor na mobilização de recursos e movimentação de mão de obra. No Brasil, o Ministério do Turismo (2009) destaca que, segundo os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de

Pesquisa Aplicada (IPEA), a atividade cresceu 76% em cinco anos (2000 – 2005) e gerou 900 mil empregos no mesmo período. No Estado de Santa Catarina, a diversidade de paisagens e quantidade de atrativos naturais promove, de forma significativa, o desenvolvimento do turismo no Estado, sendo um importante gerador de receitas (SANTA CATARINA, 2009).

Considerando o destaque da indústria catarinense e o crescente desenvolvimento da atividade turística no Estado de Santa Catarina e, valendo-se de incipientes atuações de intersectorialidade destes setores, surgiu o interesse em desenvolver o presente trabalho. A situação problemática de pesquisa definida como foco é: as ações intersectoriais entre indústria e turismo, podem contribuir para o desenvolvimento regional de Santa Catarina?

Diante disso, emergem novas tipologias turísticas que pretendem atender aos anseios dos turistas que visitam o Estado, entre elas o turismo industrial que motiva a visitação em indústrias com o objetivo de demonstrar o processo de produção nas mais variadas áreas. Esta visitação é vista como uma possibilidade de valorização da cultura industrial, como também um diferencial aos visitantes, que centralizam-se na oferta do “sol e praia”. Neste contexto, surgem algumas questões que nortearam este estudo: Quais os benefícios da participação das indústrias na atividade turística do Estado Catarinense? Como ocorre a relação intersectorial na oferta do turismo industrial?

Para tanto, desenvolveu-se um estudo exploratório, tendo como foco de pesquisa a identificação das regiões em Santa Catarina que desenvolvem o roteiro industrial. Segundo Gil (1999, p.43) “um trabalho é de natureza exploratória quando envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão”. Ainda destaca que esta tipologia de pesquisa possui a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Na análise e interpretação dos dados, adotou-se abordagens qualitativa e descritiva com a finalidade de ampliar o conhecimento do objeto e elucidar a realidade em que este se encontra.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE ECONÔMICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

A economia do Estado de Santa Catarina é bastante variada e possui considerável destaque na economia nacional, ocupando o sétimo maior PIB (Produto Interno Bruto do Brasil). Nicolau (2002) destaca que comparativamente ao país, Santa Catarina apresenta uma composição do produto com maior participação da indústria de transformação e das atividades agropecuárias: a indústria de transformação do Estado responde por 35,5% do produto. Se somada as atividades de construção civil e extração de minerais, sobe para 44%. As atividades agropecuárias correspondem a 12,85% do PIB. O referido autor atribui tais números ao fato do Estado ter, ainda, um expressivo contingente da população no meio rural (27% contra 20% do Brasil) e de ter uma estrutura urbana formada por cidades de porte médio, na qual o grau de especialização e intensidade dos serviços é evidentemente menor.

Os principais centros industriais de Santa Catarina situam-se nos municípios de Joinville e Blumenau. O primeiro tem caráter diversificado, com fábricas de tecidos, de produtos alimentícios, fundições e indústria mecânica. O município de Blumenau concentra sua atividade na indústria têxtil e recentemente também à indústria de *softwares*. No interior do estado, ocorrem numerosos centros fabris de pequeno porte, ligados tanto à industrialização de madeira quanto ao beneficiamento de produtos agrícolas e pastoris.

Silva (2006) sustenta que a estrutura social da zona de colonização alemã catarinense, na qual se encontram municípios como Blumenau e Joinville, apresentava características favoráveis a uma forte acumulação industrial, que se difundiu por diversas cidades da região. Mamigonian (1986) reafirma que havia a presença de milhares de pequenos agricultores independentes, artesãos, operários e pequenos comerciantes, os quais por sua herança cultural européia, que já conhecia o processo de industrialização, incentivaram a prática da divisão social do trabalho em território catarinense.

Não obstante, como pontua Silva (2006), as condições de relevo também contribuíram para tal democratização espacial do capital, que em decorrência de suas características, estimularam o desenvolvimento de centros comerciais independentes. Para Silva (2006) é bastante clara a compreensão de que os

elementos que constituem as economias de aglomeração, tais como firmas, força de trabalho, infra-estrutura, instituições políticas e culturais são os mesmos que se apresentam em uma formação social concreta.

Nesta mesma linha de considerações, é possível afirmar que a atividade econômica de Santa Catarina é caracterizada pela divisão em pólos: agroindustrial (Oeste), eletro-metal-mecânico (Norte), madeireiro (Planalto e Serra), têxtil (Vale do Itajaí), mineral (Sul), tecnológico (Capital) e turístico (praticamente todo o Estado). Tal concentração não impede que muitas cidades e regiões desenvolvam especialidades diferentes, fortalecendo outros segmentos. É o caso, por exemplo, da tecnologia. Em 1992, foi criado o primeiro parque tecnológico do Estado (Tecnópolis) em Florianópolis, para impulsionar a economia local com uma indústria não-poluente, que não comprometesse a vocação turística da ilha. Passados dez anos, Blumenau (têxtil) e Joinville (metal-mecânico) abrigam núcleos para o desenvolvimento de *softwares* que rivalizam com a capital (SANTA CATARINA, 2009).

O Pólo agroindustrial envolve mais de 2,9 mil indústrias, que empregam 76 mil pessoas, respondendo por 38% das exportações catarinenses. O pólo florestal abriga o maior parque moveleiro da América Latina, gerando postos de trabalho a 99 mil pessoas e atingindo exportações que ultrapassam a casa dos US\$ 800 milhões anuais (SANTA CATARINA, 2009). Ainda merece destaque o pólo eletro-metal-mecânico que formado por mais de 4,5 mil indústrias, é responsável por 23,5% das transações internacionais do Estado, contribuindo com cerca de US\$ 700 milhões para a balança comercial. Já o pólo têxtil/vestuário tem a maior concentração de indústrias do setor na América Latina – 6.444, das quais 26 de grande porte –, considerada a segunda maior do mundo. O segmento exporta acima de US\$ 260 milhões, empregando 124 mil pessoas (SANTA CATARINA, 2009).

No pólo mineral, os segmentos carbonífero e cerâmico, juntos, têm mais de 2.100 empresas. Das indústrias de cerâmica catarinenses saem 60% da produção brasileira de pisos e revestimentos. Com quase 47% do total nacional, Santa Catarina é também o maior produtor de carvão mineral do País (SANTA CATARINA, 2009).

Em relação à atividade turística, o Estado de Santa Catarina recebe no verão mais de 3 milhões de turistas e arrecada em torno de US\$ 780 milhões. Há 2 mil meios de hospedagem instalados, com capacidade de 200 mil leitos. O setor

gera 150 mil empregos diretos e indiretos (SANTA CATARINA, 2010). Os municípios que mais atraem visitantes são Florianópolis, Balneário Camboriú, Blumenau e Joinville, mas os atrativos turísticos estão distribuídos por todo o Estado.

3. A INDÚSTRIA EM SANTA CATARINA: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DE SUA GÊNESE

Não se pretende aqui resgatar e/ou aprofundar sobre a gênese da indústria no Estado de Santa Catarina, e sim, trazer algumas contribuições teóricas para a reflexão e compreensão do atual momento em que se encontra a indústria e o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Assim, faz-se *mister* discutirmos a relação da indústria e o processo pelo que passou para atingir o atual ciclo. Inicialmente nos reportamos a Rosenberg e Birdzell (1987) que em seus estudos sobre o tema da riqueza no Ocidente, argumentam que as causas do crescimento econômico, a partir do século XV, foram as inovações no comércio, tecnologia e organização, combinadas com a acumulação acelerada de capital, mão-de-obra e recursos naturais aplicados. A partir do século XIX, a ciência veio a influir cada vez mais no rol das inovações, especialmente depois da criação de laboratórios de pesquisas industriais, que sistematizaram os selos entre ciência, técnica e tecnologia.

Os referidos autores evidenciam a importância das inovações e afirmam que a tecnologia foi o elemento chave que impulsionou o crescimento das economias do Ocidente. Percebe-se que uma inovação serve como estimuladora da inovação subsequente à medida que as grandes inovações consistem tipicamente de um evento inicial que estabelece um elo causal no qual o sucesso comercial inicial estimula o desenvolvimento anterior que, por sua vez, estimula outro sucesso, num movimento cíclico (ROSENBERG; BIRDZELL, 1987).

Neste sentido, vale destacar Freeman (1984) que retoma a teoria dos ciclos longos proposta por Joseph Schumpeter⁴ (1939 *apud* FREEMAN, 1984) destacando-o como um dos grandes economistas do século XX, que procurou explicar o crescimento em termos de inovação tecnológica. Ele sugeriu que:

⁴ São os denominados ciclos longos de Kondratieff. Importante destacar que todos os três tipos de ciclos decorrem das mesmas causas fundamentais, isto é, todos podem ser explicados em termos de inovações, seus efeitos imediatos e posteriores; embora diferentes tipos de inovações e diferentes tipos de efeitos tenham papéis distintos em cada um deles.

O primeiro ciclo longo de desenvolvimento econômico se baseou na difusão da máquina a vapor e nas inovações têxteis por volta do final do século XVIII; o segundo ciclo longo se teria originado em grande parte das ferrovias e das mudanças a elas associadas na engenharia mecânica e nas indústrias do ferro e do aço; o terceiro seria decorrência da energia elétrica, do motor de combustão interna e da indústria química (FREEMAN, 1984, p.6).

Para Schumpeter a capacidade e a iniciativa dos empresários criam oportunidades novas para investimentos, crescimento e emprego. Sem o lucro, não poderia haver nenhuma acumulação de riqueza e, conseqüentemente, nenhum desenvolvimento. Em outras palavras, o lucro, por definição, oriundo da inovação, é a parte básica da fortuna capitalista. Assim, tão logo uma inovação passa a dar sinais de sucesso, inicia-se um processo de imitação por parte das firmas.

Ao aplicarmos estes pressupostos Schumpeteriano na história da indústria de Santa Catarina poderíamos levantar a hipótese do desenvolvimento decorrente do exercício da atividade industrial não pelos ganhos materiais, mas pela busca de poder e sucesso econômico, pelo desejo de vitórias sobre os concorrentes e pelo desejo de criar algo. Espíndola (1999) explica que a possibilidade de esses descendentes europeus tornarem-se proprietários dos meios de produção em decorrência do baixo preço da terra, da fertilidade natural e da relativa abundância de terras, e, por conseguinte ascenderem socialmente motivou a vinda, para o quadro urbano no Oeste catarinense, de pequenos artesãos, padeiros, sapateiros, comerciantes, etc. Neste contexto, vale lembrar, ainda, Marx (1989) que estudando as colônias de povoamento, ele afirma que o produtor que possui condições próprias de trabalho e meios de produção próprios enriquece a si e não ao capitalista.

Juntando-se todos estes fatores pode-se ter um esboço incipiente da ascensão e desenvolvimento da indústria no Estado de Santa Catarina. Lembrando ainda que, conforme citado na sessão anterior, em cada região desenvolveu-se pólos distintos de industrialização.

Referente à questão de formação de pólos, complexos industriais ou aglomerações industriais, conforme definido por Chardonnet (1965) e Suzigan (2001), torna-se evidente que há políticas públicas orientadas a consolidar as aglomerações industriais como pólos geradores de crescimento, emprego, renda, desenvolvimento tecnológico e exportações.

Tais políticas precisam contar com um aporte regulatório que permita determinar quais espaços serão privilegiados com cada ação. Observa-se assim,

que algumas vezes, o recorte de um arranjo produtivo local é considerado um aspecto nuclear para que a captação de recursos destas políticas seja possível.

Ainda quanto aos aspectos históricos, no que tange a localização das indústrias e dos serviços, constata-se que no período colonial, toda a política econômica era ditada pela Metrópole, a qual criava estímulos ou restrições de acordo com seus interesses. Em 1748 os primeiros colonizadores começaram a chegar em Santa Catarina oriundos das ilhas da Madeira e Açores. Estes imigrantes eram pequenos agricultores e pescadores que começaram a ocupar, na forma de pequenas propriedades, a produção agrícola diversificada (SEYFERTH, 1974).

Em 1850, houve maior preocupação do governo imperial em povoar outras regiões de Santa Catarina, principalmente os espaços vazios do litoral em direção ao interior, acompanhando-se o leito dos principais rios (MAMIGONIAN, 1966). Blumenau, Joinville e Brusque, núcleos fundados entre 1850-60, tornaram-se exemplos de colonizações bem sucedidas em Santa Catarina (MAMIGONIAN, 1966).

Na segunda fase da industrialização do Vale do Itajaí, a indústria têxtil continuou em pleno desenvolvimento. Neste período, a região já contava com infraestrutura de comunicação e de energia, além da rodovia Itajaí-Blumenau-Lages, oportunizando a abertura de novos mercados. A energia elétrica barata e suficiente proporcionou às indústrias catarinenses melhores condições para enfrentar a concorrência.

Na década de 80, diante de uma crise econômica mundial, a qual trouxe impactos também para o Brasil, novas frentes econômicas foram incentivadas, no intuito de minimizar as dificuldades vivenciadas pelo segmento industrial. Ciente dessa crise mundial, o governo militar procurou acelerar o crescimento da economia nacional implementando, rapidamente, o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1974), impulsionando, assim, a economia. Juntamente com o II PND, iniciou-se, também o crescimento de outros setores, dentre eles o turismo, que será mais bem detalhado na próxima seção.

4. O SISTEMA TURÍSTICO E AS DIVISÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA

O turismo vem consolidando-se como uma importante atividade econômica, apresentando-se com altas taxas de crescimento, culminando assim, para o

desenvolvimento econômico. Segundo dados do Ministério do Turismo (2009), enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 5,7%, o turismo cresceu 10% em 2007. Neste mesmo ano, o turismo representou 2,06% do PIB brasileiro com uma receita anual de R\$ 39 bilhões. De acordo com as informações da *World Travel and Tourism Council* (apud HALL, 2003, p. 4), o turismo corresponde a 10,9% do PIB mundial e corresponde a 13% dos gastos dos consumidores em todo mundo, perdendo somente para os gastos com alimentação.

Segundo Bezerra (2003), apesar do crescimento do turismo nos últimos anos, é possível notar que isso se deu em decorrência de programas e iniciativas isoladas, ao invés da atuação coordenada que apresentasse os benefícios socioeconômicos, culturais e humanos do turismo. Por isso, são necessárias ações conjuntas com intuito de propor estratégias e objetivos claros ligados ao planejamento global.

Neste contexto, surgem as políticas públicas de turismo que visam atender as demandas do setor em ações e programas para qualificar, ampliar e melhorar o turismo brasileiro. Desde 2003, com a criação do Ministério do Turismo, várias medidas vêm sendo tomadas visando constituir o planejamento desta atividade no país. A elaboração destas políticas deve ocorrer de forma integrada, levando em consideração os potenciais turísticos, condições favoráveis, deficiências e situação populacional, visando sempre os princípios da sustentabilidade econômica, sociocultural, ambiental e político-administrativo.

Com relação à formulação das políticas públicas de turismo no Estado de Santa Catarina, deve-se observar as características regionais díspares que o Estado apresenta, sua diversidade em relação à cultura, hábitos e história. Cada região contém suas peculiaridades e o grande desafio do poder público é conseguir desenvolver uma política de turismo objetivando a integração de todas as regiões.

A atividade turística é constituída por um sistema, envolvendo vários setores. Cunha (2001) define sistema “como um conjunto de elementos inter-relacionados, coordenados de forma unificada e organizada, para alcançar determinados objetivos”. E ainda acrescenta que no turismo os elementos possuem relações interdependentes entre si de caráter operacional e espacial, tais como núcleos emissores e receptores, rotas de trânsitos e atividade que produzem bens e serviços turísticos.

Segundo Beni (2001), dentre os objetivos gerais do Sistema Turístico temos que

organizar o plano de estudos da atividade de Turismo, levando em consideração a necessidade, há muito tempo demonstrada nas obras teóricas e pesquisas publicadas em diversos países, de fundamentar as hipóteses de trabalho, justificar posturas e princípios científicos, aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigação para instrumentar análises e ampliar a pesquisa, com a conseqüente descoberta e desenvolvimento de novas áreas de conhecimento em Turismo.

Para Gunn (*apud* CUNHA, 2001) o turismo é um sistema dinâmico estimulado por forças positivas e negativas, de modo que seus efeitos deverão ser compreendidos por todos componentes do Sistema Turístico (SISTUR). O ambiente do sistema é de grande importância, pois controla o sistema, como também determina, em parte, o seu funcionamento e pode ser definido como tudo aquilo que está “fora” do sistema. No caso do Turismo, devem-se levar em conta aspectos ecológicos, econômicos, sociais e culturais, constituindo-se cada um desses em subsistemas que podem ser agrupados. Todos esses subsistemas possuem recursos que são os meios utilizados pelo sistema para desempenhar suas tarefas e ações específicas, visando, assim, atingir os seus objetivos finais (BENI, 2001).

No que tange aos componentes do SISTUR, estes são identificados como: os subsistemas, a organização estrutural, as ações operacionais, a superestrutura e a infra-estrutura. Dentro desse contexto, estão também inseridos os segmentos da atividade turística, tais como hotelaria, agências, transportadoras, serviços de receptivo e também os órgãos oficiais de turismo (PETROCCHI, 2001).

Beni (2001), em seu modelo referencial do SISTUR, estabelece o chamado Conjunto da Organização Estrutural, do qual fazem parte os subsistemas da Superestrutura e da Infra-estrutura. A infra-estrutura é a estrutura básica que todo município necessita, tais como, saneamento básico, educação, transporte etc. Já a superestrutura se trata de uma política oficial de turismo e sua ordenação jurídico-administrativa que se revela no conjunto de medidas de organização e de promoção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que influenciam no setor.

Por conseguinte, dada a complexidade da atividade turística torna-se necessário a união de todos os agentes envolvidos para que os resultados sejam maximizados. Para melhor compreensão do turismo no Estado de Santa Catarina torna-se necessário entender suas divisões geográficas. O Estado possui 293 municípios sendo que estes estão agrupados em 36 Secretarias de

Desenvolvimento Regional - SDR, em 9 regiões turísticas, 20 associações de municípios e 6 mesorregiões. No que se refere às regiões turísticas, este faz parte do programa de Regionalização do Ministério do Turismo e Secretaria de Estado Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina. Atualmente existem nove regiões turísticas no estado e essa divisão ocorreu de acordo com a identificação dos municípios relativo à cultura, belezas naturais e segmentação dos municípios (SANTA CATARINA, 2010). As regiões turísticas são:

Grande Florianópolis: Envolve Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, São José, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara, Antônio Carlos, São Bonifácio, Angelina, Anitápolis e Rancho Queimado. Caracterizam-se pela oferta de mar, morros, dunas e constitui-se pela colonização açoriana.

Costa Verde&Mar: Situada no litoral catarinense, apresenta diversas praias e demais atrativos naturais. Também possui agitada vida noturna e recantos bucólicos. Suas cidades são: Balneário Camboriú, Bombinhas, Penha, Itajaí, Itapema, Porto Belo, Balneário Piçarras, Navegantes, Ilhota, Luís Alves e Camboriú.

Vale do Contestado: Localiza-se no planalto do estado constituídas pelas cidades: Fraiburgo, Piratuba, Treze Tílias, Videira, Pinheiro Preto, Tangará, Caçador, Canoinhas, Curitibanos, Irani, Porto União, Frei Rogério, Itá, Seara, Rio das Antas, Campos Novos, Capinzal, Concórdia, Joaçaba. Outros municípios: Água Doce, Alto Bela Vista, Arabutã, Arroio Trinta, Arvoredo, Bela Vista do Toldo, Brunópolis, Catanduvas, Celso Ramos, Erval Velho, Herval D'Oeste, Ibiam, Ibicaré, Iomerê, Ipira, Ipumirim, Jaborá, Lacerdópolis, Lebon Régis, Lindóia do Sul, Luzerna, Major Vieira, Ouro, Paial, Peritiba, Ponta Alta, Ponte Alta do Norte, Presidente Castelo Branco, Salto Veloso, Santa Cecília, São Cristóvão do Sul, Vargem Três Barras, Vargem Bonita, Zortéa.

Grande Oeste: Situa-se no território que faz fronteira com a Argentina possui belas paisagens naturais e é caracterizado pela diversidade étnica. Os atrativos mais relevantes da região são as culturas italiana, alemã e gaúcha, fontes de águas termominerais, cânions, quedas d'água e corredeiras. Suas cidades são: Chapecó, Águas de Chapecó, Aberlado Luz, São Carlos, São Domingos, Mondai, Xanxerê, Palmitos, São Miguel do Oeste, Dionísio Cerqueira, Itapiranga, Saudades, São Lourenço do Oeste, São João do Oeste, Garaciaba, Vargeão, Ipuacu, Xaxim, Maravilha, Guatambu, São José do Cedro.

Serra Catarinense: A região identifica-se por montanhas, temperaturas baixas, fazendas rurais. As cidades desta região são: Lages, Urubici, São Joaquim, Bom Jardim da Serra, Urupema, Bocaina do Sul, Rio Rufino, Bom Retiro, Correia Pinto, Anita Garibaldi, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro, Otacílio Costa, Painel, Palmeira, São José do Cerrito

Encantos do Sul: No litoral Sul possui cidades históricas, praias, lagoas, baías e enseadas protegidas nas quais as baleias Francas buscam refúgio no inverno. Cidades: Laguna, Garopaba, Imbituba, Tubarão, Criciúma, Gravatal, Içara, Jaguaruna, Imaruí, Urussanga, Orleans, Nova Veneza, São Martinho, Santa Rosa de Lima, Armazem, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Cocal do Sul, Forquilha, Grão Pará, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Paulo Lopes, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, São Ludgero, Siderópolis, Treviso, Treze de Maio.

Caminho dos Cânions: No extremo sul de Santa Catarina é que estão os parques nacionais dos Aparados da Serra e da Serra Geral. A região possui grande diversidade geográfica, suas cidades são: Araranguá, Praia Grande, Sombrio, Balneário Gaivota, Balneário Arroio do Silva, Jacinto Machado, Ermo, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Timbé do Sul e Turvo.

Vale Europeu: Colonizado por imigrantes europeus, principalmente os alemães, cultiva até hoje os costumes dos antepassados na culinária, na arquitetura, no folclore, nas danças e nas festas. Também destaca-se as belezas naturais. Cidades: Blumenau, Pomerode, Brusque, Timbó, Ibirama, Gaspar, Nova Trento, Rio dos Cedros, Rio do Sul, Indaial, Rodeio, Presidente Getúlio, Doutor Pedrinho, Apiúna, Benedito Novo, Ituporanga, Agrolândia, Botuverá, Vitor Meireles, Agrolândia, Aurora, Atalanta, Braço do Trobudo, José Boiteux, Lontras, Major Gercino, Mirim Doce, Pouso Redondo, Rio do Oeste, Salete, São João Batista, Taió,

Caminho dos Príncipes: O caminho dos príncipes foi colonizada por imigrantes europeus e ainda é considerada como maior pólo industrial de Santa Catarina. Na região encontra-se a Serra do Mar e a Baía da Babilonga como atrativos naturais. As cidades que constituem essa região são: Joinville, São Francisco do Sul, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul, Rio Negrinho, Corupá, Campo Alegre, Mafra, Itaiópolis, Schroeder, Itapoá, Garuva, Balneário Barra do Sul, Barra Velha, Papanduva, Araquari, Guaramirim, Massaranduba, São João do Itaperiú, Monte Castelo.

A Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional (SDR) responde pela formulação, concepção e iniciativas gerais de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), bem como por seus instrumentos básicos, como os planos regionais estratégicos.

A SDR atua em estreita sintonia com as demais secretarias do Ministério no sentido de promover a convergência de suas ações com as prioridades e objetivos da PNDR voltados para a redução das desigualdades regionais e ativação das potencialidades de desenvolvimento das diferentes regiões do País. O Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva vem promovendo, nessa mesma direção, o diálogo entre a PNDR e as missões dos outros Ministérios, mediante as diversas políticas, programas e ações federais no âmbito da Câmara de Políticas de Integração Nacional de Desenvolvimento Regional. A SDR colabora diretamente na promoção dessa interface ministerial, no intuito de fazer valer os princípios da PNDR, envolvendo todo o conjunto das ações governamentais e privilegiando a organização das ações na escala sub-regional (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2009).

Além das 36 Secretarias de Desenvolvimento Regional – SDR, outra divisão política do estado são as mesorregiões. São subdivisões dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa. Em Santa Catarina existem seis mesorregiões: Grande Florianópolis; Norte Catarinense; Oeste Catarinense; Serrana; Sul Catarinense e Vale do Itajaí.

Estas são algumas das divisões políticas do Estado. Para o desenvolvimento do turismo estadual torna-se necessário realizar análise desta estrutura, bem como a organização espacial destas regiões.

Importante destacar a concepção apresentada por Lefebvre (1974) sobre o espaço socialmente produzido. Segundo o referido autor, o espaço é o lócus da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, é a reprodução da própria sociedade. O espaço é meio de produção submetido a relações de apropriação. Assim, o ambiente construído é o resultado desta interação. Deve-se compreender a ligação, interlocução entre estas diversas regiões, associações e secretarias para que assim, desenvolva-se uma política e programas que consiga fomentar o turismo em todo o estado.

5. INTERSETORIALIDADE: COOPERAÇÃO COMO ESTRATÉGIA

A intersectorialidade é uma estratégia de aproximação e cooperação entre setores da sociedade e/ou organizações com objetivos comuns. Essa forma de parceria pode tanto ocorrer entre os setores público, privado e terceiro setor, quanto entre instituições de natureza diversa como, por exemplo, indústrias e secretárias de turismo municipais.

A intersectorialidade envolve a articulação de saberes e experiências no planejamento, realização e avaliação de ações, a fim de que se possa obter sinergia em situações complexas. Essa articulação pode contribuir para o desenvolvimento social e combater a exclusão, principalmente, no que tange a distribuição e otimização dos recursos destinados a dirimir problemas sociais (JUNQUEIRA, 2004).

Dessa forma, ao invés de persistir em políticas isoladas e, por isso, pouco eficazes, os envolvidos em parcerias intersectoriais integram seus saberes e experiências para identificar problemas sociais e desenvolver programas ou projetos que, na maioria das vezes, não poderiam conceber ou implantar sozinhos. Nesse sentido, a intersectorialidade entre organizações representa um importante fator de inovação, podendo, inclusive, converter-se em uma estratégia para o desenvolvimento de ações de responsabilidade social (JUNQUEIRA, 2004).

Além disso, a cooperação entre empresas e/ou setores pode gerar a simbiose entre os diferentes elementos que os compõem, o que representa uma importante evolução no processo de socialização dos saberes.

Cooperação é um termo inspirado na descrição feita por Piaget do processo de evolução mental das crianças. Evoluindo das fases introspectivas a um estágio superior, a criança aprende a perceber como operam mentalmente outros seres com os quais quer se relacionar, bem como a ajustar o seu processo mental correspondente. Assim, os seres distintos passam a cooperar (PLONSKI, 1998, p.22).

Para que a parceria seja efetiva e transformadora, Plonski (1998) refere-se ao compartilhamento de uma visão multidimensional e integrada da cooperação, centrada no desenvolvimento de competências humanas e no entendimento das distintas missões dos parceiros, bem como, a capacitação para a gestão desse processo.

Estabelecer parcerias, entretanto, não é tarefa fácil, pois requer significativas mudanças nas práticas administrativas, especialmente no que concerne ao processo

de tomada de decisão (JUNQUEIRA, 2004). Quando se trata de parcerias entre setores diferentes, essa interação se torna ainda mais complexa em função das essências distintas dessas instituições. Além disso, o desconhecimento de ambas sobre os interesses da outra podem gerar falhas de comunicação (MELO NETO, 2002). Neste sentido, vale destacar que se bem conduzido, o processo de cooperação torna-se mutuamente enriquecedor, levando cada ator envolvido a aumentar sua excelência.

6. ROTEIROS DE TURISMO INDUSTRIAL EM SANTA CATARINA: INICIATIVAS PARA A INTERSETORIALIDADE

O Estado de Santa Catarina possui um considerável potencial turístico, caracterizado pelos contrastes do seu território e de seu clima: temperaturas frias com frequentes geadas chegando muitas vezes a nevar nas serras e altas temperaturas no litoral com praias de boa balneabilidade, baías, enseadas e várias ilhas. A arquitetura das construções típicas da época da colonização corroboram para a atratividade turística, bem como, vários municípios possuem características geográficas propícias para o desenvolvimento de esportes radicais, como é o caso de Timbó, Ibirama entre outros. Em regiões mais desenvolvidas, destaca-se o turismo de negócios e de eventos contribuindo com a movimentação econômica do Estado. O turismo em Santa Catarina mobiliza mais de 8 milhões de pessoas anualmente – este número inclui os visitantes estrangeiros, brasileiros de outros estados e catarinenses em viagem dentro do próprio Estado (SANTA CATARINA, 2010).

No setor do turismo, além das atividades diretas como hospedagem, alimentação, agenciamento e transporte, algumas outras oportunidades de negócios podem ser exploradas, como loja ou quiosque de lembranças junto à atração turística; guia de turismo; hotel, hospedaria ou pousada; passeios ecológicos, com enfoque ambiental ou de aventura; organização de eventos; agência de viagem especializada em intercâmbios; fornecedora de equipamentos e utensílios para restaurantes e hotéis; lavanderia industrial e empresa de turismo rural. Tudo isso constitui a oferta turística.

A Organização Mundial do Turismo – OMT (2009) define a oferta turística como o conjunto de produtos turísticos e serviços postos à disposição do usuário turístico num determinado destino, para seu desfrute e consumo. Neste sentido, os

destinos – municípios turísticos – devem-se atentar para aumentar e diversificar ao máximo sua oferta turística aumentando, conseqüentemente sua atratividade. Assim, a oferta turística pode ser acrescida de um atrativo que faz parte do contexto histórico da cidade, porém não foi pensado e nem direcionado para o turismo.

Diante da realidade do aumento do consumo de produtos turísticos, outros novos segmentos e produtos começaram a surgir para atender os turistas. Neste sentido, a sociedade começa a valorizar a herança histórica do patrimônio industrial, sendo necessário desenvolver um programa turístico cultural-industrial, ou seja, o Turismo Industrial. Trata-se de uma atividade que consiste na abertura das indústrias para o turismo.

O tipo de atividade turística que possibilita às empresas demonstrar ao público o seu "savoir-faire", o seu processo de produção e de interação com o meio. Assim, busca-se apresentar a cultura e identidade de uma organização através da "turistificação" dos seus espaços produtivos. Neste segmento turístico, estão presentes não somente empresas do setor industrial, mas também empresas administrativas, comerciais, agrícolas, artesanais e de serviço, em uma linha temporal que apresenta o passado (empresas desativadas), o presente (organizações em atividade) e o futuro (empresas de alta tecnologia e de pesquisas científicas) do setor econômico, mas sem negligenciar suas interfaces com os demais setores sociais, ecológicos e culturais de uma localidade. (FOISBRAGA, 2007, p. 05)

No Estado de Santa Catarina esta proposta tem o apoio do Governo do Estado. Esta iniciativa foca as empresas, bem como a geração de novos negócios e a promoção de suas marcas, além da divulgação das cidades sede para o mercado turístico nacional (SANTA CATARINA, 2010).

O Estado possui os seguintes roteiros industriais:

- **Joinville:** participam as empresas: CRW Plásticos, Datasul, Logocenter, Perini Business Park, Arroz Vila Nova, Chocopp, Laboratório Catarinense, Tigre.
- **São Bento do Sul:** Moveis Rudnick, Oxford, Condor.
- **Pomerode:** Pomerode Laticínios, Kyly Indústria Textil, Behling Estilo Fazenda, Cativa Indústria Textil, Porcelana Schmidt
- **Blumenau:** Cervejaria Eisenbahn, Glass Park, Fornos Jung, Sulfabril, Hering, Cristais Hering, Altenburg, Momento Engenharia e Bernauer.

As empresas que fazem parte deste roteiro oferecem a oportunidade aos visitantes de conhecer o processo produtivo de cada artefato fabricado em suas unidades fabris, bem como contribui com a ampliação da oferta turística do

município. Neste sentido Dias (2005, p.49) explica:

Essa perspectiva de geração de múltiplos valores de uso de 'coisas' que aparentemente não dispunham de nenhuma possibilidade de contribuir economicamente para o desenvolvimento das comunidades é que torna o turismo atraente do ponto de vista de sua capacidade de indução desenvolvimentista. O turismo consegue incorporar para o mercado 'coisas' que ficavam à margem do processo produtivo, e dota-as de um valor de troca que as torna passíveis de proteção por parte das populações locais, facilitando o trabalho de preservação e de conservação de inúmeras 'coisas' que poderiam não ter significado num primeiro momento para a comunidade.

Nestes termos, com base no desenvolvimento local, entende-se como turismo industrial a atividade turística como uma política de proteção histórica e valorização do patrimônio industrial para o crescimento do turismo cultural, contribuindo para o desenvolvimento econômico, da oferta e de atrativos turísticos da destinação (DALONSO; SANTOS, 2008).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado de Santa Catarina possui inúmeros atrativos turísticos, e o modelo econômico diferenciado que os catarinenses construíram ao longo de sua história tendo como motor a força das pequenas e médias empresas apresenta-se como alternativa para o incremento da oferta turística.

Quanto mais atrativos o município oferecer ao turista que ali chega, mais possibilidade de sucesso terá no desenvolvimento da atividade, pois quanto maior a permanência do turista no destino, maiores são as possibilidades de utilização dos demais equipamentos e serviços a serem oferecidos, fazendo valer a sustentabilidade econômica dos mesmos.

O turista tem interesse em adquirir o máximo de conhecimento do local que visita, ele quer experimentar, ter vivências. Enfim, um visitante é uma pessoa que tem toda atenção voltada, naquele momento especial da estadia, para o lugar visitado. Surge assim, a oportunidade da intersectorialidade da indústria com o turismo, possibilitando um atrativo a mais para o turista. Algumas empresas já se deram conta de que o turismo industrial é uma opção de comunicação, relacionamento e construção de imagem corporativa, com investimentos razoavelmente reduzidos quando comparados a outras ações de relacionamento ou mesmo de marketing. As empresas podem se beneficiar por desenvolverem um relacionamento mais próximo com públicos de interesse específicos.

A integração da indústria no roteiro não custa muito. É um processo fácil, bastando um pouco de investimento inicial da empresa. A Diretora de Turismo, da Prefeitura Municipal de Blumenau, Sra. Luíza Borda⁵ explicou em entrevista que o essencial é ter uma pessoa simpática e preparada na recepção e um guia igualmente amigável, um vídeo de apresentação geral com dicas de segurança, uma mostra geral do processo industrial e a história da criação da "marca" da empresa. No final, a empresa ainda pode optar por oferecer um souvenir, podendo ser comercializado, ou ainda dispor de uma loja comercializando seus produtos e já obtendo resultados com as visitas.

Por fim, após o levantamento bibliográfico, pesquisas exploratórias e conhecimento dos roteiros industriais de Santa Catarina, é possível responder as perguntas inicialmente elaboradas.

Primeiramente em relação a quais são os benefícios da intersectorialidade das indústrias na atividade turística catarinense. São vários atores/entidades que se beneficiam com os roteiros industriais. As Secretarias de turismo acabam promovendo e divulgando mais e melhor seus municípios, bem como, ampliando a oferta turística; para os turistas, a visita, ou a criação de roteiros focados na produção de um território, é uma possibilidade de se descobrir uma cultura local, e, muitas vezes, tomar conhecimento do processo produtivo de determinado produto. As próprias universidades disponibilizam de uma nova área para desenvolver pesquisas e projetos. Para a comunidade, o desenvolvimento do turismo industrial, pode muitas vezes, surgir como uma nova forma de renda e de inserção no mercado, além de fomentar discussões sobre a realidade do território, valorização cultural e entendimento sobre as relações econômicas, sociais, culturais e ambientais.

A outra indagação se propunha a compreender se a indústria se beneficia abrindo suas portas para receber o turista. Na realização do roteiro industrial de Blumenau foi possível averiguar que as empresas se beneficiam através de ações de marketing e promoção da sua marca e de seus produtos. As empresas que estão bem estruturadas para o atendimento se beneficiam inclusive no aumento da comercialização, pois é possível estabelecer contato e futuros negócios após a visita

⁵ Luíza Borda é turismóloga e foi responsável pela implantação do roteiro de turismo industrial no município de Blumenau. Cedeu entrevista não estruturada para a elaboração deste trabalho, explicando como foi realizado o projeto, as empresas que participam e o resultado satisfatório dos envolvidos.

de alguns turistas na empresa, evidenciando, portanto que esta forma de turismo traz benefícios às empresas justificando os investimentos iniciais.

Este estudo apresenta somente um recorte da realidade pesquisada. Para ampliar os conhecimentos sobre o assunto, recomenda-se o estudo de outros aspectos dos roteiros industriais de Santa Catarina como, por exemplo, a percepção dos envolvidos nos roteiros – turistas e guias; e a coleta de dados estatísticos mais específicos no que concerne às empresas que compõem os roteiros turísticos.

REFERÊNCIAS

- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3.ed. São Paulo: SENAC, 2001
- BEZERRA, Deise Maria Fernandes. **Planejamento e gestão do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.
- CHARDONNET, JEAN. **Os grandes tipos de complexos industriais**. Boletim Geográfico. Ano XXIV. Março – abril. N. 185, 1965.
- CUNHA, Licínio. **Introdução ao turismo**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- DALONSO, Yoná da Silva; SANTOS, Rosângela A. dos. **Turismo Industrial: um novo segmento do turismo em Joinville**. Disponível em: < www.promotur.com.br/capa/u18.asp>. Acesso: 21 de fevereiro de 2008.
- DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ESPÍNDOLA, C.J. **Tecnologia e novas relações de trabalho nas agroindústrias de carne do Sul do Brasil**, Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. VI, nº 119 (85), 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-85.htm>
- ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias do Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999, p. 21.
- FOIS-BRAGA, Humberto. **Turismo industrial: visita de empresa como estratégia de marketing**. In: V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em turismo – ANPTUR, 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2008.CR-ROM
- FREEMAN, Christopher. **Inovação e ciclos longos de desenvolvimento econômico**. Porto Alegre:Ensaio FEE, 1984.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.
- JUNQUEIRA, Luciano A. P. **A gestão intersetorial das políticas sociais e o terceiro setor**. Saúde e Sociedade. v. 13, n..1, São Paulo jan./abr. 2004.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of space**. 1974. Oxford: Blackwell, 1997.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudo geográfico das indústrias de Blumenau**. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

MAMIGONIAN, Armen. Indústria. In: **Atlas de Santa Catarina**. Gaplan: Florianópolis, 1986.

MARX, Karl. **O capital**. Livro I, v. II. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

MELO NETO, Francisco. **Marketing de Eventos**. São Paulo: Spirit, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Informativo dados & fatos**. Dezembro de 2008. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/>. Acesso em: 08.04.2009.

NICOLAU, José Antonio. A indústria catarinense na década de 1990: em busca de novo ciclo de crescimento. In: CÁRIO, Silvio A. F. et AL (orgs) **Características da estrutura de mercado e do padrão de concorrência de setores selecionados de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2002.

OMT, Organização Mundial do Turismo. Disponível: < <http://www.unwto.org/index.php>>. Acesso em: 12 de abril, 2009.

PETROCCHI, Mário. Turismo: **Planejamento e Gestão**. 5 ed. São Paulo: Futura, 2001.

PLONSKI, Guilherme **A. Interação universidade-empresa**. Brasília: IBICT, 1998.

ROSENBERG, N.& BIRDZELL, L. E. Jr. **A História da Riqueza do Ocidente: a transformação econômica no mundo industrial**. São Paulo. Record. 1987.

SANTA CATARINA. **Oportunidades & negócios**: Panorama da sociedade catarinense atual. Disponível em: www.santacatarinabrasil.com.br/pt/poloshttp://www.santacatarinabrasil.com.br/pt/polos-economicos. Acesso em: 20.set.2009.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina. Disponível em: < www.sol.sc.gov.br>. Acesso em: 02 fev. 2010.

SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento/SAB, 1974.

SIEDENBERG, Dieter Rugard (Coord.) **Dicionário de desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SILVA, Marcos A. **O processo de industrialização no Sul do Brasil**. Cadernos Geográficos, Florianópolis, n. 15, 2006.

SUZIGAN, Wilson. **Aglomerações industriais como focos de políticas**. Revista de Economia Política, vol.21, n3, julho-setembro, 2001.